

A Cultura Oral das Rezadeiras/Rezadores do Vale do São Francisco e sua Representação no Cinema Brasileiro¹

Neucimeire Santos de SOUZA²

Patricia da Silva BARBOSA³

Carla Conceição da Silva PAIVA⁴

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo

A tradição oral é um patrimônio coletivo que produz grande fascínio. No Vale do São Francisco, rezadeiras e rezadores mantêm um costume de orações, pedindo a cura de doenças, marcado pela força da oralidade e da memória. Esse grupo é representado pelo cinema brasileiro através de filmes de ficção que se passam no Nordeste, como *O Quinze* (2004). Desde modo, são investigadas, neste trabalho, as práticas compartilhadas pelos rezadores e rezadeiras da referida região. Além disso, através do método de história oral e de uma pré-seleção de trechos fílmicos nacionais são analisadas as semelhanças e/ou diferenças entre a representação fílmica e os relatos das pessoas entrevistadas. A ideia é perceber se há, ou não, um processo de reconhecimento desses sujeitos e qual seria uma possível encenação proposta por elas/eles.

Palavras-chave

Representação; Cinema brasileiro; Rezadeiras/Rezadores; Vale do São Francisco; História Oral

Na base da fé: representações e construções imagéticas na cultura visual

As representações constituem, no plano de um universo simbólico, as definições mentais e coletivas que construímos acerca do mundo e das pessoas. Segundo Denise Jodelet (2001), essas definições apresentam o objeto de maneira simbólica, de forma a substituí-lo, tornando-o presente mesmo em sua ausência. Elas orientam e influenciam o nosso comportamento, intervindo no modo como enxergamos e lidamos com a realidade. Nesse processo de construção de significados, a relação entre o sujeito, produtor da representação, e objeto, aquele que é representado, é fundamental já que

representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Este pode ser tanto uma pessoa, quanto uma coisa, um acontecimento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria etc.; pode ser

¹ Trabalho apresentado no II 4 – Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Autora. Estudante de graduação 7º semestre do curso de Jornalismo em Múltiplos da Universidade do Estado da Bahia. Email: neucimeire@gmail.com

³ Autora. Estudante de graduação 7º semestre do curso de Jornalismo em Múltiplos da Universidade do Estado da Bahia. Email: patricia.sbarbosa1@gmail.com

⁴ Orientadora do projeto de pesquisa Signos de Nordestinidade: análise da representação das identidades nordestinas presentes no cinema brasileiro no período de 2000 a 2010 e professora do curso de Jornalismo em Múltiplos da Universidade do Estado da Bahia. Email: ccspaiva@gmail.com

tanto real quanto imaginário ou mítico, mas é sempre necessário. Não há representação sem objeto (JODELET, 2001, p. 22).

Tal fenômeno representativo se desenvolve a partir de elementos cognitivos, informativos, ideológicos e normativos. Com base na experiência do sujeito, suas crenças, valores, opiniões, a reconstrução e interpretação do objeto é articulada o que, por outro lado, determina o caráter autônomo e criativo da representação. Jodelet (2001) destaca que esses elementos são sempre organizados na ótica de um saber que diz algo sobre o estado da realidade. Em contrapartida, o caráter social da representação faz com que essa seja um fenômeno compartilhado, sempre ativo e em ação na vida social, fator relevante para a sua construção e propagação coletiva. Dan Sperber (2001) mostra que esses dois tipos essenciais de representação se reúnem para a formação de outras, como as representações culturais que, segundo ele, “consistem num subconjunto de contornos fluidos do conjunto das representações mentais e públicas que habitam um grupo social” (2001, p. 92)

Dentro desse contexto de interpretações e definições simbólicas, mentais e coletivas, a defasagem e a dispersão das informações relacionadas ao objeto representado e a predominância de certos aspectos em detrimento de outros, muito em função de interesses dos sujeitos (JODELET, 2001), destacam a fragilidade da representação em sua relação com o real. Dessa forma, distorcer, suplementar e/ou suprimir características dão abertura para a construção de pré-conceitos e estigmas que conferem uma representação equivocada ao objeto.

Toda essa dinâmica de construção e partilha da representação social é atribuída também a um processo de influência ou até mesmo de manipulação social relacionados a sistemas de pensamento mais amplos (JODELET, 2001) como a mídia, a escola, a igreja e as redes de comunicação como a televisão, o rádio e o cinema, um dos focos de análise deste artigo. Para Moscovici (2003), comunicação e representação são indissociáveis, pois “uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar sem que partilhemos determinadas representações e uma representação é compartilhada e entra na nossa herança social, quando se torna um objeto de interesse e de comunicação” (apud SANTOS e ALMEIDA, 2005, p. 22).

Mesmo de maneira inconsciente, estamos a todo momento cercados por imagens e discursos, propagando representações que guiam o nosso modo de pensar. Na cultura contemporânea, a experiência visual, sobretudo, também tem influenciado e difundido

complexos processos de significação que podem enraizar-se ou não no imaginário coletivo. Conforme Nicholas Mirzoeff (1998), essa experiência tem permitido, por exemplo, que direcionemos “nossa atenção de configurações de visualização estruturadas, formais, como o cinema e galeria de arte para a centralidade da experiência visual na vida cotidiana” (p. 7) [Tradução nossa].

Dessa forma, ainda de acordo com Mirzoeff (1998), a cultura visual que estamos vivenciando não é apenas uma parte da nossa vida cotidiana, ela é a nossa vida cotidiana. Partindo desse princípio, com enfoque na linguagem cinematográfica, este artigo propõe uma análise de como essa linguagem e todos os elementos visuais que a constituem se relacionam com a realidade exterior. O cinema, como forte componente da cultura visual, movimenta espaços de interpretação os mais variados, alimentando o imaginário popular através de suas representações fílmicas. Iremos a elas, pois, em busca de processos de identificação que as justifiquem ou equívocos que apontem falhas, intermediados pela cultura tradicional das rezadeiras/rezadores do Vale do São Francisco e suas impressões acerca de tais representações.

Com o intuito de adentrar nas tradições populares do Vale do São Francisco, este artigo traz a oralidade cultural das rezadeiras e rezadores da região, tradição que abarca questões históricas, populares e religiosas, desmitificando saberes e revelando uma diversidade de formas de fazer o ofício. Divide-se em duas ideias centrais. Primeiro iremos discorrer sobre a transmissão da prática das rezadeiras e rezadores e os detalhes do seu exercício, o que traz para o estudo a riqueza de um povo que sabe guardar conhecimentos sem utilizar o papel ou o computador, em tempo propício a isso.

Por ser um marco da popularidade brasileira, as rezadeiras tiveram sua identidade representada em algumas produções fílmicas do país. Desse modo, o presente artigo também traz uma análise feita pelo grupo de rezadeiras e rezadores estudados, verificando se os traços encontrados nos filmes são compatíveis com a vivência de cada rezadeira ou rezador do Vale do São Francisco. Faz-se então importante abordar os temas levantados tanto como registro de pesquisa e aprofundamento da tradição do rezador e da rezadeira, como desenvolver uma discussão sobre a representação fílmica brasileira que é, para muitos, uma base de conhecimento e de aproximação das diversas culturas.

Em contato com amigos e conhecidos, localizamos rezadeiras e rezadores. Uma etapa complexa, pois, como trataremos adiante, o número de pessoas que

compartilham dessa prática tem-se reduzido. Foram encontradas quatro mulheres e dois homens na região, porém um deles recusou conceder entrevista. Formamos então, um grupo com quatro rezadeiras e um rezador das cidades de Juazeiro e Uauá, localizadas ao norte da Bahia.

Entrevistamos cada um (a) deles (as) em suas residências e após contarem detalhes do ofício, era-lhes mostrado os trechos dos filmes escolhidos para que fizessem uma avaliação da representação fílmica com sua experiência pessoal. Cada entrevista foi gravada para melhor descrição das opiniões levantadas. Os entrevistados preferiram ter sua identidade preservada, desse modo, escolhemos colocar apenas a inicial de seus nomes.

É importante salientar que parte desta pesquisa serviu de base para uma apresentação na modalidade Pôster de Iniciação Científica, no XIII Encontro Nacional de História Oral: História Oral, Práticas Educacionais e Interdisciplinaridade, realizado em 2016, na cidade de Porto Alegre (RS). Contudo, este artigo apresenta maior abrangência de informações, diferenciando-se da produção em *banner*.

A cultura oral das rezadeiras e dos rezadores do Vale do São Francisco, seus saberes e detalhes do ofício

O ofício das rezadeiras mistura saúde e fé. As orações são feitas pedindo a cura de doenças não comuns na medicina tradicional. Algumas delas são descritas por Oliveira (2013): mal olhado, um olhar impregnado de maus sentimentos, como inveja, ódio e cobiça; espinhela caída, uma enfermidade percebida pela desproporção anatômica entre o antebraço e o tórax; a doença sol e sereno, que se caracteriza por dores de cabeça constantes, causadas pelo excesso de sol ou pelo sereno da noite; erisipela, esta deixa a pele avermelhada e inflamada.

Dona M, 79, aprendeu com sua mãe a prática das rezas. Há quanto tempo, ela não recorda, mas lembra que, desde criança, quando a mãe rezava nas pessoas, observava e memorizava as palavras ditas por ela. A rezadeira, que é analfabeta, tem na memória, até hoje, cada oração transmitida por sua mãe. Entre elas está a reza para curar a erisipela:

Eu rezo entre o coro, e a carne e a pele, eu rezo da isipa e da isipele. Se arretira erisipele para as areias do rio, pelos poderes de Deus e da Virgem Maria. Amém. Eu rezo entre o coro, e a carne e a pele, eu rezo da isipa e da isipele. Se arretira erisipele para as areias do mar, para

onde não berra boi, pra onde não canta galo. Tem cabelo de ovelha viva. Nos poderes de Deus e da Virgem Maria. Amém.

Ainda imbricada no contexto atual de se guardar as memórias, a história oral não perde sua fundamentação, apesar de disputar espaço com a escrita, com os meios tecnológicos, com as comprovações científicas fortemente arraigadas na atualidade. Ela continua presente e traz consigo singularidades próprias que dão maior sentido e veracidade ao discurso.

Como pondera Alessandro Portelli (1997), existem traços importantes que só a oralidade consegue transmitir, já que o uso de pontuações e regras gramaticais, por exemplo, eximem do relato entonações, gestos do entrevistado que por si só falam e carregam significados importantes.

Traços que não podem ser contidos dentro de segmento são o local (não exclusivo, mas muito importante) das funções narrativas essenciais: eles revelam as emoções do narrador sua participação na história e a forma pela qual a história o afetou. Isso sempre envolve atitudes de que quem fala podia não estar apto (ou desejar) a se expressar de outro modo, ou elementos não totalmente dentro de seu controle. Abolindo estes, tornamos insípido o conteúdo emocional do discurso inclinado para a equanimidade e objetividade do documento escrito. Isto é mais verdadeiro quando informantes do povo estão envolvidos: eles podem ser pobres em vocabulário, mas sempre mais ricos em variações de matizes, volume e entonação que os oradores da classe média, os quais aprendem a imitar no discurso a monotonia da escrita (PORTELLI, 1997, p. 29).

A oralidade se firma na memória de alguém que viveu algo e que ao contar, deixa escapar, inconscientemente, a emoção daquele momento, a lembrança, um afeto ou desafeto que ajuda a compor a sua história. Um jeito particular de expor o acontecimento que, como afirma Portelli (1997), é carregado de subjetividade como “nenhuma outra fonte possui em medida igual” (p. 31) e proporciona aos ouvintes não muito do que eles já sabem, mas conta bastante sobre as questões psicológicas envolvidas no fato.

A frente da casa de Dona M é repleta das plantas que ela usa para fazer as orações, entre elas a arruda e o pinhão roxo. Com um ou três galhos, a rezadeira faz movimentos seguidos de cruz, na cabeça do doente. Em pouco tempo, conta ela, as folhas começam a murchar caso o indivíduo esteja com mau olhado.

Da avó (*in memorian*), NS, 37, aprendeu como recitar as orações de mau olhado e vento caído. A idosa praticava o ofício de rezadeira há anos, guardava na memória

diversas orações e formas diferentes de fazê-las. NS conta que após ter a primeira filha, que sempre apresentava moleza no corpo e fezes verdes, a avó resolveu ensinar-lhe a oração que pudesse curar o sofrimento da menina: “Deus é o céu, Deus é a terra, Deus é o mar. Assim como Deus é o céu, a terra e o mar, que este olhado vá para as ondas do mar. Com os poderes de Deus e da Virgem Maria, amém. Repete por 3 vezes”, explica. O conselho deu certo, mas NS confessa não ser rezadeira. Acredita que, talvez, tenha o dom, mas não se sente preparada para aceitá-lo. Já rezou em algumas crianças, adultos e animais por um tempo porém, deixou de praticar.

A história oral, que as rezadeiras e rezadores do Vale do São Francisco encabeçam, traz traços da popularidade de um povo, que atravessa os anos e se firma com uma riqueza de detalhes e significados guardados pela memória pertencente a um grupo de homens e mulheres, na sua maioria, iletrados (as), capazes de ampliar e recriar seus costumes, fazendo uma mistura entre a tradição herdada e a experiência adquirida com o tempo.

Mas realmente importante é não ser a memória apenas um depositário passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significações. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória (PORTELLI, 1997, p. 33).

O rezador C, 50, aprendeu com três pessoas diferentes esse tipo de reza, os professores foram dois parentes e um amigo da família. Ele tinha 9 anos quando as primeiras orações foram-lhe transmitidas oralmente. C, muito moço, confessa que na época sentia vergonha de praticar o ofício e, por muitas vezes, o fazia isoladamente, fugindo das gozações dos colegas de juventude. Entretanto, garante que hoje, ao contrário, não sente nenhum constrangimento e tem muito orgulho da profissão que lhe permite, como afirma, “pela força de Deus, salvar vidas”. São muitas as orações que conhece e várias são as pessoas que atravessam quilômetros trazendo crianças, adultos ou animais para passar pelas mãos do rezador. E esse, diz nunca ter perdido um caso. C afirma que todas as pessoas que o procuraram ficaram curadas, dessa forma, a fama se espalha pela região. O rezador, entretanto, explica que tudo depende da fé, tanto da sua fé como ministro do ofício, como da fé daquele que procura a reza.

Assim como C, dona B, 66 anos, diz que a confiança em Deus é o princípio de tudo. “O que vale é a fé. Não adianta chegar uma pessoa aqui sem a fé que não funciona não, tem que vir com a fé, sabe. Eu só digo as palavras e Deus é quem cura!”, ressalta.

B faz apenas um tipo de oração para todas as doenças que reza: “Com dois te botaram, com quatro eu te tiro, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Aí eu digo, se for olhado Jesus curai, se for alguma coisa forte, Jesus também cure. Rezo um Pai nosso, com uma Ave Maria e ofereço ao anjo de Guarda dele”, explica a rezadeira. Com 6 anos de experiência, B não reza mais em adultos. Ela conta que sempre ficava doente depois que fazia a oração, por isso, prefere, atualmente, só rezar em crianças. Justifica isso explicando que os problemas que envolvem as crianças são menores, afetando menos o seu estado físico.

Esse fato também é relatado por C. Ele afirma que parte da doença que a pessoa traz, passa para o (a) rezador (a). Contudo, ao entardecer o (a) rezador (a) fica livre do carma. Ao contrário de dona B, C aceita esse problema e faz a reza em qualquer pessoa que lhe solicitar.

Dona B, não teve ninguém para lhe ensinar as rezas. O costume foi suscitado através de uma vizinha que constantemente a pedia que rezasse na filha. De imediato, dona B se negava, dizia não saber. Mas, por insistência da vizinha, rezava e a criança ficava curada da dor de barriga que sempre apresentava. Assim, começou a perceber que tinha o dom das rezas e foi praticando com o passar tempo.

Do mesmo modo, Dona N, 52, também diz ter aprendido por si só a rezar contra os males. Afirma ter nascido com o “dom” que, desde os 9 anos de idade, coloca em prática. Reza em animais, adultos ou crianças fazendo o uso de plantas, chás e xaropes, além de utilizar água benta, quando necessário. N revela que ouve vozes e reza pelas pessoas que as vozes indicam ou por aquelas que vê em sonhos.

Cada rezador ou rezadeira tem um jeito particular de exercitar o ofício, algumas coisas se assemelham como, por exemplo, o fato de nenhum deles aceitar dinheiro ou outro bem material em troca das rezas. Todos são enfáticos ao explicar que essa não é uma profissão para ganhar dinheiro, mas para fazer o bem, e, portanto, para elas, não pode se cobrar nada quando o objetivo é ajudar o próximo.

Entretanto, muitas questões variam de acordo como a ciência que foi ensinada. Situações que desafiam a razão e mantêm preservado o ritmo do costume herdado. É o caso da reza em cachorro. C garante que orações nesse tipo de animal devem ser feitas com uma vassoura do lado, a justificativa se dá pelo fato de o bicho ser alimentado com comidas à base de sal. As outras rezadeiras não comentaram tal costume.

A forma de exercer as rezas e de guardá-las na memória é o que não muda. Nenhum dos entrevistados retirou do bolso um caderno ou um manual de orações. A planta, o objeto, a oração, o tipo de pessoa ou animal específicos para tal situação estão registradas na mente dessas pessoas como um grande armazém de informações.

Um ofício escasso

Como dito anteriormente, tivemos dificuldade em encontrar rezadeiras ou rezadores na região, o que nos faz perceber que com o passar dos anos essa tradição vem perdendo força na cultura popular do Vale do São Francisco. Os próprios rezadores comentam esse fato. C disse que procurou por muito tempo alguém que pudesse rezar nele durante os dias em que esteve doente, depois de muito andar, encontrou um rezador em Monte Santo, distante cerca de 140 km da região onde mora. Dona M é firme em dizer que vai parar de rezar porque não encontra ninguém que reze nela. “Aqui não tem uma pessoa que reze. Eu já disse que não vou rezar não, eu não acho quem reze neu”, alerta.

Pelos lugares onde andamos ouvimos relatos de rezadeiras que deixaram a profissão por ter aderido à religião protestante, outras não rezam por conta da idade. O fato é que para sanar esse problema e manter a prática do (a) rezador (a) é necessário que outros despertem para a profissão. O que também tem sido difícil.

Ao serem questionadas Dona B e Dona N confessaram não demonstrar interesse em transmitir esses ensinamentos para seus familiares, entretanto, as duas afirmam estar disponíveis a ensinar a oração para quem tenha interesse em executá-la para o bem. Dona M diz que tudo depende do dom. Certo dia, ela percebeu em sua sobrinha de 5 anos um jeito diferente de brincar com as bonecas. “Ela rezava com aquelas rezas, dizia aquelas coisas que não tinha noção dela dizer aquilo né”, conta. Porém, M diz não induzir a menina ao caminho das rezas, segundo ela, esse dom se desenvolve com o tempo, e se a criança precisar de ajuda estará disponível para colaborar. O rezador C afirmou que seus dois filhos, provavelmente, não despertarão disposição para o ofício. “Deixo eles observarem as orações que faço, mas não percebo interesse em seguir esse caminho”, declara.

Sem a transmissão dos conhecimentos a tradição de rezador/rezadeira corre o risco de se perder. Essa prática não está arquivada em sistemas computadorizados de memória ou em livros. Está gravada na mente de homens e mulheres que têm a

oralidade como única fonte de emissão. Percebe-se que a cultura oral é envolvida em uma fragilidade que a torna dependente da fonte.

Cinema, cultura e oralidade: ouvindo as fontes orais

Em busca de representações das rezadeiras e rezadores no cinema, fizemos um levantamento de produções fílmicas brasileiras que retratassem essa cultura. Com isso, foi observado que poucos filmes dão espaço para essa cultura. Mas, encontramos essa representação, na sua maioria, em produções que tratam do Nordeste brasileiro antes dos anos 1990 e escolhemos trechos que estão nos seguintes filmes: *O Quinze* (2004), dirigido por Jurandir de Oliveira, *Tapete Vermelho* (2005), de Luiz Alberto M. Pereira, *Cipriano* (1998), feito sob direção de Douglas Machado, *Morte e Vida Severina* (1977), dirigido por Zelito Viana e *A Morte Comanda o Cangaço* (1960), de Carlos Coimbra.

Para além da dificuldade de encontrar filmes nacionais com rezadeiras/rezadores em suas cenas, é necessário destacar um aspecto relevante presente nos filmes encontrados. Os que compõem a listagem fílmica para análise, ainda que contenham as personagens em questão, em sua maioria, as representa num contexto secundário da narrativa. As rezadeiras aparecem em cenas muito rápidas, sem possuir um enredo que lhes encaixe na trama do começo ao fim. É o caso dos filmes *O Quinze*, *Cipriano* e *A Morte Comanda o Cangaço*, onde elas aparecem em situações de desespero por cura, morte e fechamento de corpo. Por outro lado, outras características também são marcantes. O dom das rezas é representado, em todas as narrativas, apenas através de mulheres e, a maioria é nordestina. Grande parte dos filmes analisados contam histórias que se passam no Nordeste ou que tematizam o povo nordestino, como já citado, dando ênfase a uma religiosidade que, representativamente, faz parte da vida de quem mora na região. Isso pôde ser observado em *O Quinze*, *A morte comanda o cangaço*, *Morte e Vida Severina* e *Cipriano*.

Voltando-se para as técnicas de reza apresentadas pelas narrativas fílmicas, foco de análise principal, as rezadeiras e rezador entrevistados fizeram suas observações com base em sua própria cultura, a partir de suas próprias práticas e vivências, conduzidos a apontar circunstâncias de identificação ou falhas de representação nos trechos selecionados.

Dona B, nossa primeira entrevistada, demonstrou reconhecimento das práticas vistas em quatro filmes como próximas de sua realidade como rezadeira, mostrando

identificar-se com elas. Em *O quinze*, quando o filho dos personagens Chico Bento (Jurandir Oliveira) e Cordulina (Sônia Lira) se envenena com mandioca brava crua, a rezadeira se torna fonte de esperança dos pais pela cura do menino. O ritual que ela pratica usando galhos verdes e oração foi visto por Dona B como sendo uma prática parecida com a sua, porém com a diferença no uso das palavras. “Cada quem tem suas palavras”, a rezadeira aponta.

O segundo filme mostrado foi *Tapete Vermelho*, onde a rezadeira vivida pela atriz Odete Milagres, como Zulmira, apareceu exercendo seu ofício em três cenas. Uma fazendo chá e xarope para uma criança com os “brônquios inflamados” (na linguagem do filme). Na segunda cena, benzeu uma vaca que, de acordo com o dono, estaria com mau-olhado, utilizando galhos de arruda, um punhado de sal grosso e dizendo as seguintes palavras: “Deus vai, Deus vem, ô vaca amarela, vaca mocha. Três cruz, Santíssima Trindade”. Logo após, rezou uma Ave-Maria junto com o dono do animal. A terceira e última cena acontece na situação em que uma cobra amaldiçoada, mandada por alguém, aparece no quarto da mãe de um recém-nascido para roubar leite materno. Ao mesmo tempo, o bicho coloca sua calda na boca da criança. A rezadeira, que estava à espreita no escuro do quarto, quando avista a cobra, apanha o animal com a mão e diz em voz alta a seguinte oração: “Santo Antão, ficai sempre do meu lado, Santo Antão. Vós que venceste o demônio numa aparência desse bicho imundo. Socorrei-me, Santo Antão. Na hora da tentação, socorrei-me, Santo Antão. Amém!”

Em sua análise, Dona B afirma que, assim como a rezadeira de *Tapete Vermelho*, na primeira cena, também trabalha com chás para as crianças. “Às vezes mando fazer um chá pra dar à criança, mas digo pra nunca dar o chá puro. Falo pra colocar, assim, numa tapioca...” Ela diz que também reza em animais. “Já rezei. Às vezes chega gente aqui com cachorro... Eu rezo com as palavras e São Lázaro é quem cura”.

Com relação à cena da cobra, a rezadeira relatou que a mesma situação aconteceu com uma tia dela. Disse que sim, uma rezadeira pode utilizar as palavras para, através delas, Deus curar o mal que a cobra pode fazer à criança. “Ela (a tia) tava deitada assim, numa rede na porta da casa dela, aí quando dei fé eu vi aquele negócio enorme mamando o peito. Botou o rabo na boca da criança, e aí ficou mamando no peito. Nunca me esqueci... Eu devia ter uns dez, onze anos, por aí”.

Já em *Cipriano*, rezadeiras muito idosas entoam cânticos no velório de um homem. *Morte e Vida Severina* também apresenta esse tipo de prática. Dona B fala que conhece essas rezas cantadas, porém elas não fazem parte de seus ritos. O filme que a rezadeira não se identificou dizendo que o exposto não é exercido por ela foi *A morte comanda o cangaço*. Nele, a rezadeira vivida por Ruth de Souza, promove um ritual de “corpo fechado”, usando uma hóstia manchada com o sangue do cangaceiro que solicitou a prática. Ela anda em torno do homem que está deitado no chão, em cima de uma cruz, e declama a seguinte oração:

Ó beata Santa Catarina. Virgem como as estrelas, florida como os campos. Vós fostes à casa de Jerusalém. Com o senhor encontraste. Seu coração abrandaste. Abrandai também o coração dos meus inimigos, assim como abrandaste o coração dos bichos “feroz”. Faça que assim quando ele me veja chore, como chorou o cego atrás da luz. Eu te vejo com sete “altar”, com sete partículas de hóstia consagrada, com sete “coro” de anjo. Com Deus te vejo, com Deus te ato, Cubra, Santa Maria Mãe de Deus, “aos pé” da santa cruz, cubra Senhor Jesus Cristo (TAPETE, 2005).

Logo após a oração, a rezadeira faz um corte no braço esquerdo do homem e mancha a hóstia com o seu sangue. Tudo isso acontece em um cenário bastante sombrio, à luz de velas, com a rezadeira vestida de preto, na presença de um altar com caveiras e imagens de santos. Na descrição do elenco de *A morte Comanda o Cangaço*, encontrado no site cinematecabrasileira.com, Ruth de Souza é apresentada como rezadeira no filme. Entretanto, conforme Dona B, esse tipo de ritual representado não se enquadra nas práticas de uma rezadeira e sim de uma curandeira. Ela afirma com veemência que não faz esse tipo de trabalho. “Aquilo ali pra fechar o corpo existe também. Mas nunca fiz não... Eu mesma não sou fã”.

Nossa segunda entrevistada, Dona M, identificou-se com as rezadeiras do filme *Morte e Vida Severina*, com uma em especial. No momento em que assistia ao trecho em que as rezadeiras entoavam um cântico, ela reconheceu-o e junto com elas, cantarolou. Esse trecho era de uma parte documental do filme, ou seja, as rezadeiras eram personagens da vida real. Houve um momento em que Dona M até achou que reconheceu uma das senhoras que cantavam que, por coincidência eram de Piauí, cidade que ela já havia visitado. A surpresa foi tanta que ela exclamou: “Bem que eu vi ela lá no Piauí?!”

Dona M também se identifica com a cena da cobra, ocorrida no filme *Tapete Vermelho*. “Mamãe contava que, quando nós morava lá na fazenda, quando via uma

cobra, assim na telha, ela já cobria o seio logo com medo. Muita coisa que acontecia naquele tempo era verdade”, afirma. Por fim, disse que, com exceção da prática representada em *A Morte Comanda o Cangaço*, o ritual de corpo fechado, ela se identifica com todas as outras presentes nos filmes, porque as realiza. Referindo-se ao velório em que as rezadeiras cantam, em *Cipriano*, Dona M acrescentou: “Nas fazendas eu rezava. Com sete dias da morte tinha o terço em casa.... Aqui [na cidade] que é tudo mudado, né?”

O senhor C, terceiro entrevistado e único rezador encontrado, com relação ao filme *Morte e Vida Severina*, aprova a prática da rezadeira sobre o menino envenenado. “Sobre o menino, tá certo”, diz. Entretanto, segundo ele, o menino só morreu porque a rezadeira utilizou palavras inadequadas para aquele tipo de enfermidade. Disse que, se estivesse na situação apresentada no filme, ele utilizaria a seguinte oração:

Salve-Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Hei-a pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro mostrai-nos Jesus. Bendito fruto de vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Rogais por nós Santa Mãe de Deus. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

Referindo-se aos outros filmes, como *Tapete Vermelho* e *Morte e Vida Severina*, senhor C diz que se identifica com *Tapete Vermelho*, quando Zulmira faz chá e benze o animal, já que ele também utiliza essas práticas. Com relação à cobra, senhor C disse que usaria outra oração, já que, de acordo com ele, a rezadeira utilizou uma oração para humanos. Em *Cipriano*, quando as rezadeiras cantam no velório, o rezador conta que em suas atividades ele só reza numa pessoa que morreu dez minutos depois ou na novena de sete dias. “A verdade é que dez minutos que a pessoa morre, reza”. Concorde com a fala de Elba Ramalho que vive uma rezadeira no filme *Morte e Vida Severina*, quando ela diz: “De um raio de muitas léguas vem gente aqui me chamar”. Conforme o rezador, gente de muitos lugares o procura em busca de suas rezas.

Em *A Morte Comanda o Cangaço*, ao contrário de Dona B, Senhor C reconhece ali a prática de uma rezadeira/rezador. “É prática. É prática certa”. Além disso, falou que o ritual de corpo fechado que ele faria seria com a oração de Santo Expedito, e não com a oração de Santa Catarina, como acontece no filme. Porém, ele revela: “Nunca fiz porque ninguém nunca me pediu”.

Quando perguntado sobre a falta de representatividade do homem rezador nos filmes analisados, senhor C justifica dizendo que a religiosidade nas mulheres é mais fervorosa. Tal característica, de acordo com ele, faz com que a mulher apresente um maior interesse em exercer seu dom de rezadeira, ao contrário do homem que, dificilmente, desperta a mesma vontade. Esse seria, segundo o rezador, o principal motivo para o pouco número de rezadores na região.

Dona N, nossa quarta rezadeira, foi bem sucinta em sua análise. Disse que se identificou com todos os filmes. Falou que sabe orações para males que envolvam cobras, como visto em *Tapete Vermelho*, que sabe as palavras para o ritual de corpo fechado que, de acordo com ela, condiz com a prática de uma rezadeira/rezador e que benze qualquer tipo de mal que afete adultos, crianças e animais. “Rezo em qualquer tipo de pessoa. Só não atendo quem vier me procurar para o mal”, destaca.

Nossa quinta e última entrevistada, NS, diz que não se considera rezadeira, apesar de ter aprendido algumas orações com sua avó. Entretanto, o conhecimento que ela adquiriu durante o tempo que rezou em crianças, adultos e animais levou-a a fazer algumas observações sobre os trechos dos filmes que lhe foram apresentados. Sobre as cenas de *O Quinze*, NS considera que a prática da rezadeira naquela situação não seria a coisa certa a se fazer. Segundo ela, devido ao fato de o menino ter ingerido um veneno, a ajuda especializada de um/a médico/a seria o socorro ideal. A falta desse atendimento veio a causar a morte da criança. “A rezadeira não era o ideal para aquele tipo de enfermidade, por isso ele morreu”.

Em *Tapete Vermelho*, NS sentiu-se representada em dois momentos. Um quando viu a oração sendo feita contra o mau olhado na vaca, pois recordou das orações que já fez em outros animais. O outro foi durante a cena da cobra quando ela nos contou que ouvia falar sobre esse caso. De acordo com as histórias de sua avó, realmente acontece. Com relação aos trechos dos filmes *Cipriano e Morte e vida Severina* ela não se sentiu representada naquelas canções e revelou que não as conhecia. Por fim, no trecho de *A morte Comanda o Cangaço*, NS não vê aquele ritual como sendo de uma rezadeira e sim de curandeira, como Dona B e Dona M também ressaltaram. “A mulher fez corte no corpo, usou hóstia e eu nunca ouvi falar que uma rezadeira usasse esses materiais”.

Considerações finais

Através da história oral, foram reconhecidos os movimentos e contornos articulados pela oralidade em torno da memória de rezadoras/rezador do Vale do São Francisco. Ela mantém viva uma série de tradições que, mesmo com o passar do tempo, continuam a fazer parte da vida de quem as guarda e quem oferece o seu dom, para o bem do próximo, repassa o bem-estar físico e espiritual que as palavras, proferidas com fé e devoção, oferecem às pessoas que as procuram.

Contrapondo-se a falta de repasse dessa tradição, que tem conduzido essa geração a um gradual desaparecimento, a resistência da cultura está presente na experiência da maioria dos entrevistados. Aqueles que revelam ser autodidatas da fé, que aprenderam sozinhos cada palavra das orações que utilizam, onde o dom se torna base para o exercício de ser rezadeira/rezador.

Os filmes, por sua vez, narram detalhes e aspectos característicos da ação dessas mulheres e homens que os assistiram. A representação construída pelas narrativas analisadas conduziu a processos de identificação demonstrados pelos(as) nossos(as) rezadores/rezadeiras. Porém, devido à singularidade das práticas realizadas, as orações e rituais representados não foram reconhecidos no que tange ao uso de determinadas palavras e materiais utilizados pelas rezadoras nos filmes. Todavia, os motivos pelos quais as rezas foram solicitadas são considerados legítimos pela maioria dos entrevistados.

A partir disso, foi observado que as falhas de construção cinematográfica dentro dessa temática, nos filmes *Tapete Vermelho*, *O Quinze*, *Cipriano*, *Morte e Vida Severina* e *A morte comanda o Cangaço*, revelou-se mínima. Por outro lado, o fato de todos os filmes trazerem apenas rezadeiras mulheres e idosas, acaba por estereotipar essa cultura ao relacioná-la apenas a essa representação. Destarte, a tradição oral conduz a práticas que se diferenciam de rezador (a) para rezador (a) no uso das palavras, nos rituais, nas formas de exercer o ofício, mas uma coisa é, intrinsecamente, comum a todo (a) aquele (a) que carrega e dá vida a esse dom. A fé. A crença na cura pelo divino. A simplicidade de receber as pessoas, viver e compartilhar o seu dom.

Referências

A MORTE Comanda o Cangaco. Direção de Carlos Coimbra. Produção de Marcello de Miranda Torres e Walter Guimarães Motta. São Paulo: Aurora Duarte Produções Cinematográficas Ltda. 1960. (108 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gPh7vcHdG_k>. Acesso em 7. Jan. 2016.

CIPRIANO. Direção: Douglas Machado. Produção de Douglas Machado, Mattias Högberg e Suzane Jales. Teresina PI: Trinca filmes. 1998. (70 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4ooBv7Rceyc>>. Acesso em 7. Jan. 2016.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: ____ **As representações sociais**. EdUERJ, Rio de Janeiro. 2001. p. 17-41.

MIRZOEFF, Nicholas. **The visual culture reader**. Routledge: London and New York, 1998. Disponível em: <<https://analepsis.files.wordpress.com/2011/08/104915217-mirzoeff-nicholas-ed-the-visual-culture-reader.pdf>> Acesso: 18.jan.2016.

MORTE e Vida Severina. Direção: Zelito Viana. Produção de Zelito Viana. Brasília DF: Mapa Produções Cinematográficas Ltda.; K. M. Eckstein. 1977. (88 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rz3cxSdHLVI>>. Acesso em 7. Jan. 2016.

OLIVEIRA, J. E. S. **Rezadeiras de Frei Paulo**: os ramos e a fé a serviço da cura. 2013 (Artigo). In: Diálogos Antropológicos (blog). Disponível em: <http://www.gerts.com.br/seciri/anais_iii_seciri/gt04/gt04_04.pdf> . Acesso: 22.jan.2016.

O QUINZE. Direção: Jurandir de Oliveira. Produção de Letícia Menescal. Rio de Janeiro RJ: Menescal Produções e Peteka Production, 2004. (100 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Uu1i1U4EiPc>>. Acesso em 6. jan. 2016.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz da história oral diferente** (Artigo). In: Revista Eletrônica da PUC – SP. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>>. Acesso: 20.jan.2016.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA Leda Maria de (org.). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Recife: Ed. Universitária da UFPE/Ed. Universitária da UFAL, 2005.

SPERBER, Dan. O estudo antropológico das representações: problemas e perspectivas. In: ____ **As representações sociais**. EdUERJ, Rio de Janeiro. 2001. p. 91-103.

TAPETE Vermelho. Direção: Luiz Alberto M. Pereira. Direção de Produção de Andrezza de Faria. São Paulo: Lap filme. 2005. (100min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yta3-ktN3zs>>. Acesso em 6. Jan. 2016.